

A aparição misteriosa de sua santidade

Cancão de fogo em Cachoeira

Ordep José Trindade Serra

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SERRA, OJT. *O Encantamento de sua santidade*: canção de fogo [online]. Salvador: EDUFBA, 2006. 114 p. ISBN 85-232-0424-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A aparição misteriosa de sua santidade

Cancão de fogo
em Cachoeira



I

Tenho na boca a verdade
Que torna a mentira muda.
Vá raspar-se quem achar
Essa história cabeluda
Que em Cachoeira me veio
Durante a Festa da Ajuda.

Louvando Nossa Senhora
Na data miraculosa
Mascara-se muita gente
De uma forma pavorosa
Com figura de demônios
Pondo a rua em polvorosa.

Outros festejam a Santa
Com diversas fantasias
A percorrer a cidade
Com batuques e folia
Na certeza de que a Mãe
D'Ajuda preza a alegria.

Certa vez na multidão
Eu fui de devoto brabo
Sapecava pela praça
Com uma tropa de diabos
— O bom é que a mulherada
Também sacudia o rabo.

A amável bebida loura
Por todo canto corria.
Um riacho de cachaça
Por santas goelas descia
Enquanto as bandas tocavam
Alimentando a folia.

Um grupo de mascarados
E uma renca de Mandus
Com os Cabeçorras na frente
Fazia bate-baú
Samba de roda e pagode
Junto do Paraguaçu.

Deus sabe como acabou
Aquele divertimento!
É um mistério pra mim
Que turva meu pensamento
O modo como cheguei
À Pousada do Convento.

Na certa, fui ajudado
Nas trevas da noite pura
Por gente amiga da festa
– Filhos de Nossa Senhora.
Milagre da Mãe Divina
Abriu meus olhos na aurora.

Me sinto na obrigação
De o revelar a meu povo:
Bem na janela do quarto
Vi um espetáculo novo
— Um pássaro como o sol
Que voa no próprio ovo.

A luz que rompeu a casca
Dourada desse animal
Traçou-lhe com vivas chamas
A imagem fenomenal:
Forma de anjo pintado
Com tintas de carnaval.

Lembrava um pouco uma onça
A um curió misturada
Na pele de uma raposa
De asa fogueteada
Olhos de vaca parida
Numa expressão delicada

Jeito de cobra coral
Mas com rabo de pavão
Ares de baleia mansa
Traços de camaleão.
— Ave de sol e de lua
Escura feito um canção.

Com voz discreta de orquestra
O bicho falou comigo
Muito cortês e decente
Se declarou meu amigo.
— O que me veio contar
Agora mesmo lhes digo.



II [Fala Cancão]

A minha revelação
Grave na sua memória!
Só para isso desci
De lá do Reino da Glória.
Contigo, de hoje em diante,
Vou repartir minha história!

Eu já vivi neste mundo!
Há tempos, mudei de estado.
Não sou nem vivo, nem morto
— Passei pro terceiro lado.
Diverso de antigamente
Agora sou Encantado.

Enquanto vivi na terra
Usei de batota e logro
Fiz arrelia de tudo
Amava demais o jogo
O povo do meu rincão
Chamou-me...

Cancão de Fogo.

Eu enganei muita gente
Mas posso lhe dar certeza:
Dos pobres, nunca tirei.
Não fiz essa malvadeza!
Só dei prejuízo a rico
Usando minha esperteza.

Também fui pobre na terra
Sofri a necessidade
A fome, a pinimba dura
A falta de caridade
O orgulho dos poderosos
Pisando na humanidade.

O fraco pode ser forte...
Convém que não esmoreça.
Pois quando eu era pequeno
Diziam: “Talvez não cresça!”
Mas a pomba do Divino
Cagou na minha cabeça.

Embora miúdo e magro
No meu projeto de gente
Nascido de lavradores
Na seca da terra quente
A natureza tornou-me
Danado de inteligente.

Não tinha nada por mim
A não ser a malandragem
E me apliquei com capricho
Nas artes da vadiagem
Estudei necessidade
Tirei do medo coragem.

Astucioso me fiz
Buscando a sobrevivência.
Em escapar da desgraça
Ganhei muita competência
De um modo sempre matreiro
Que bolinava a decência.

A lei que persegue os fracos
Nos pés lhes coloca a trava
Beneficia o graúdo
Mantém a negrada escrava
— Essa justiça dos homens
Alegremente eu burlava.

Fiz pouco da puta fé
Que aos ricos dá proteção
E ensina ao povo miúdo
Frouxa resignação
Fazendo os pobres de bestas
No curral da devoção.

Jamais amaldiçoei
A carne que Deus me deu
Gozei o tanto que pude
E a sorte me ofereceu.
Bendigo o corpo que tive
E o gosto que conheceu.

A boca da hipocrisia
Com as ameaças do abismo
Vivia me condenando
Em nome do moralismo.
Porém eu sigo dizendo:
Mais limpo era meu cinismo!

Agora vivo no céu
E disso também me espanto...
Mas vou lhe mostrar, poeta,
Que (antes do meu encanto)
Na terra eu tive a primeira
Experiência de santo.



III

Foi numa cidade grande
Com vasta população
De povo desmiolado
Que se passou a função
Estando eu de passagem
No bico da ocasião.

De noite, eu ia na rua
No rastro de uma sereia;
Bateu uma tempestade
O rio teve uma cheia
No mar uma tromba d'água
Pintou uma cena feia.

Correndo mais que depressa
Para escapar da agonia
Entrei numa igreja velha
Num morro que ali havia
Porque achei encostada
A porta da sacristia.

Lá dentro, acendi a luz
E até descansei um pouco;
Mas de repente, no alto,
Ouvi um grande pipoco
A terra deu um gemido
Tremeu-se de um modo louco.

Depois, quando acomodou-se
A caroara do chão
Chamei por minha coragem
Nas garras da precisão
Alumiei uma vela
Nos olhos da escuridão.

A pé do altar principal
Eu vi um quadro engraçado
O santo tinha caído
Estava em péssimo estado
Na dura laje da igreja
Fizera-se descarado.

Quem busca sua melhoria
A inteligência não poupa
Que bem pensar é preciso
— E a cada prego, uma estopa —:
Joguei o santo no lixo
Peguei pra mim sua roupa.

Era um vestido de seda
Com um manto de bom veludo
(No carnaval, deixaria
Qualquer viado posudo);
Estava enxuto, e aquecia...
Na hora, pra mim, foi tudo.

Faz muitas artes o homem
Que a necessidade atija
... E eu, para defender-me,
Não tive jamais preguiça:
Tratei de aquecer os ossos
Bebendo o vinho da missa.

Depois, como estava mesmo
Carente de descansar
Aproveitando o silêncio
Daquele santo lugar
Tirei divina soneca
Deitado em cima do altar.

Não dormi muito, porém,
Naquela oportunidade:
Foi só acalmar-se o tempo
No gozo da claridade
Que vi correr para a igreja
O povo e as autoridades.

O templo estava esquecido
Com ares de pardieiro
A vinda do cataclismo
Foi um remédio certo:
O povo desesperado
Lembrou-se do padroeiro.

Notando este movimento
Eu me senti inspirado
Depressa, ao nicho subi
Que eu tinha já despojado
Atrás de jarros de flores
Plantei-me, bem camuflado.

O pobre do meu ouvido
Não descansou um segundo
Com gritos, choros e preces
De um desespero profundo;
A maioria clamava
Temores do fim do mundo.

Sentindo pena da raça
Falei com voz de trovão:
“Acalme-se, povo meu!
Não é fim de mundo, não!
A gente boa se salva
— *Só há de morrer ladrão!*”

Ouvi no fundo da igreja
Suspiros aliviados
Defronte de mim, porém,
Cresceram tristonhos brados
E pavorosos gemidos
De homens alucinados.

Governador soluçava
Se maldizia o Prefeito
Juizes descabelados
Berravam de horrível jeito
Um Senador se queixava
Dando murraças no peito

Na irmandade dos ricos
Foi a maior agonia
Desmaio, chilique e enfarte
Às dúzias acontecia
Um bando de deputados
Chorava de encher a pia.

Um gordo de três papadas
Falou-me num triste arranco:
“Ó santo nosso querido!
Perdoe, mas vou ser franco:
O que será do mercado
Com o fim de todos os bancos?”

Um velho disse: “Estou frito!
A situação é crítica!
A nossa administração
Pode ficar paralítica!
Receio que ninguém sobre
Para tratar de política!”

Um homem muito alinhado
Queixou-se com desespero:
“É grande a calamidade
Deste decreto agoureiro!
O céu quer exterminar
A raça dos empreiteiros!”

Mostrando misericórdia
Bradei-lhes: “Pelo direito
Não escapava ninguém
Da tropa que esmurra o peito;
Mas para salvar alguns
Talvez eu encontre um jeito.

“Aquele que depuser
Aqui, de bom coração,
A praga do mau dinheiro
Que causa sua perdição
Na certa será poupado
Da grande devastação.

“Mas vejam que corre o tempo!
O prazo é de dez minutos.
Depois, eu já não detenho
A mão do destino bruto.
Quem não usar dessa chance
Cobre a família de luto.”

Com pouco, a meus pés ergueu-se
Formosa pilha de grana
Tanta que não juntaria
Cassino em uma semana
E eu percebi que os pavores
Governam a raça humana.

Mas prometi nova graça:
“Venha, meu povo fiel!
Os anjos estão cobrindo
O nosso templo com um véu
Quem permanecer aqui
Eu levo agora pro céu!”

Foi só eu falar assim
A igreja se esvaziou
Homem, menino e mulher
Ninguém no templo ficou
O padre foi o primeiro
Que para longe escapou.

Em minha filosofia
Ganhei uma idéia clara
Notei que o amor de Deus
É de uma espécie bem rara:
Se todos chamam por Ele
Ninguém Lhe quer ver a cara.

Vestindo minha roupa velha
Eu rápido dei no pé
De doações carregado
Da mais generosa fé
Com que dei muita alegria
Às damas de cabaré.

Na vida tive riqueza
... Jamais por um ano inteiro...
Posso dizer que não fui
Muito apegado a dinheiro
Pois todo o que eu conseguia
Deixava escapar ligeiro.

Vivi como apreciava:
Um pouco ao sabor do vento
Fui leve de coração
Ligeiro de pensamento
Só duas coisas juntei:
Amor e contentamento.

Na terra fiquei banzando
Até que chegou a hora.
Passei-me quando buscava
Consolo pra uma senhora
Esquivada do marido
Porém bela e sedutora.

Por seu amor eu vivi
Meu derradeiro papel
Lutei em dura peleja
Com o Inimigo cruel
Mas esta grande passagem
Deixe pra outro cordel...

